

# O sequenciamento de textos como estratégia discursiva no jornalismo político

## The “sequenciamento” of texts as discursive strategy in the political journalism

Gustavo Ximenes Cunha<sup>1</sup>

### Resumo

Neste artigo, proponho uma análise da seção *Brasil* da revista *Veja*. Sendo essa a seção da revista dedicada à abordagem dos acontecimentos da política nacional, defendo que a ordem de publicação (ou o sequenciamento) dos textos pertencentes à seção Brasil pode constituir uma estratégia, por meio da qual *Veja* busca guiar a construção de sentidos do leitor, sem assumir de forma explícita um posicionamento político e ideológico. Por meio da análise, evidencio que a semelhança temática dos textos não constitui o único critério de montagem de uma seção Brasil. Ao lado desse critério, a escolha da ordem em que os textos são publicados constitui um fator de grande relevância. A análise realizada permitiu concluir que essa escolha parece estar intimamente ligada à tentativa da instância de produção de guiar a maneira como o leitor interpreta esses textos.

**Palavras-chave:** jornalismo político, sequenciamento de textos, estratégias discursivas.

### Abstract

In this paper, I propose an analysis of the section “*Brasil*” of the magazine *Veja*. Being that the section of the magazine dedicated to the approach of the events of the national politics, I defend that the publication order (or the “sequenciamento”) of the texts belonging to the section “Brasil” can constitute a strategy, through which *Veja* search guide the construction of the reader's senses, without assuming in an explicit way a political and ideological positioning. Through the analysis, I evidence that the thematic similarity of the texts doesn't constitute the only criterion of assembly of a section “Brasil”. To the side of that criterion, the choice of the order in that the texts are published constitutes a factor of great relevance. The analysis allowed to conclude us that choice seems to be intimately linked to the attempt of the production instance of guiding the way as the reader interprets those texts.

Key-words: political journalism, “sequenciamento” of texts, discursive strategies.

### Introdução

As mídias<sup>2</sup> atuam como um organismo que possui uma finalidade dupla ou ambígua. Se, por um lado, esse organismo busca atender uma demanda social, produzindo um objeto de saber para informar o cidadão, por outro lado ele age como uma empresa, produzindo um objeto a ser consumido pelo maior número possível de consumidores (Burger, 2004). Essa finalidade dupla levou as mídias a desenvolver estratégias discursivas, especializadas em fazer com que um acontecimento comentado a partir do sistema de valores de um jornal, por exemplo, pudesse ser apreendido como a própria expressão da realidade. Essas estratégias foram desenvolvidas, portanto, com a

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Entendo por mídias “o conjunto dos suportes tecnológicos que têm o papel social de difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espço público: imprensa, rádio e televisão” (Charaudeau, 2006, p. 21).

função de fazer parecer que os objetos (seres, lugares, situações) apresentados pelas mídias estão em seu estado de “acontecimento bruto”, camuflando a sua condição de “acontecimento interpretado” ou objeto de discurso<sup>3</sup> (Simunic, 2004, p. 80). Fazendo parecer que um acontecimento apresenta-se em seu estado bruto, um jornal tenta, ao mesmo tempo, mostrar um compromisso de informar a instância cidadã de modo objetivo e imparcial (compromisso ligado à sua finalidade cívica de produzir um objeto de saber) e ocultar o recorte ideológico implicado em toda apreensão da realidade por meio da linguagem (recorte ideológico ligado à sua finalidade comercial de produzir um objeto de consumo).

Um importante recurso de que as mídias se valem para alcançar a meta de captar e de persuadir o interlocutor é a criação de um discurso que pareça objetivo. Ao se relatar um fato de forma objetiva, cria-se a impressão de que o fato apresenta-se tal como aconteceu e tenta-se apagar a maneira como a realidade foi interpretada segundo o sistema de valores de um jornal (Hernandes, 2006). Uma das estratégias que as mídias utilizam para criar esse efeito de objetividade é a encenação da voz dos outros. Conforme Tétu (2002, p. 193), “a forma canônica do jornal contemporâneo não é ‘eu digo isto’, mas ‘X disse isto’”. O uso da terceira pessoa configura-se como uma estratégia por meio da qual as mídias tentam fazer crer que o seu discurso não é construído a partir de escolhas políticas e ideológicas. Além da terceira pessoa, diálogos, fotografias e filmagens também são estratégias com as quais as mídias buscam persuadir o interlocutor de que é a própria realidade que fala, quando ele lê, ouve ou vê uma notícia.

Com o emprego de estratégias como essas, as mídias buscam conquistar a credibilidade do interlocutor e ocultar o sistema de valores que comanda a percepção e o relato dos fatos, pois formatam o mundo num discurso aparentemente imparcial. Isso significa que, não podendo “se revelar como um ator social atuante interessado nos aspectos sociopolíticos e nas conseqüências do que noticia” (Hernandes, 2006, p. 30), a mídia “aperfeiçoou mecanismos que ‘comunicam’ o que é mais ou menos importante” (idem, p. 83). Esses “mecanismos que comunicam” devem ser entendidos como as estratégias de que as mídias lançam mão para dizer sem dizer, isto é, estratégias

---

<sup>3</sup> Conforme Mondada (2001, p. 67), “os interlocutores elaboram *objetos de discurso*, i. e. entidades que não são concebidas como expressões referenciais em relação especular com objetos do mundo ou com sua representação cognitiva, mas entidades que são interativa e discursivamente produzidas pelos participantes ao fio de sua enunciação”.

empregadas para guiar a percepção do interlocutor, indicando o que deve ou não deve ser valorizado, sem que seja necessário assumir abertamente uma posição.

Estratégias como as que foram mencionadas, ligadas aos aspectos textuais e lingüísticos do discurso midiático e ao trabalho de diagramação<sup>4</sup> de um jornal ou revista, têm merecido a atenção de vários estudiosos (Kerbrat-Orecchioni, 1997, Moiullaud, 2002, Simunic, 2004, Charaudeau, 2006, Hernandez, 2006). De modo geral, subjaz ao trabalho desses estudiosos a idéia de que “a visão de mundo do jornal paira sobre seu produto e é indissociável de qualquer um dos seus recursos expressivos e de seus conteúdos” (Hernandez, 2006, p. 29). É essa idéia que leva Kerbrat-Orecchioni (1997, p. 131) a dizer que “o discurso jornalístico se caracteriza precisamente pelo fato de que, mesmo quando ele não recorre a procedimentos tão visíveis, carrega claramente a marca do lugar ideológico de onde fala o emissor”.

Compartilhando dessa mesma idéia, este artigo busca defender a hipótese de que, na revista *Veja*, a ordem de publicação (ou o sequenciamento) dos textos pertencentes à seção Brasil<sup>5</sup> não é aleatória, constituindo, ao contrário, uma importante estratégia por meio da qual a revista busca guiar a construção de sentidos do leitor, sem assumir de forma explícita um posicionamento político e ideológico. Nesse sentido, proponho uma revisão do modo como se compreende o processo de montagem de uma seção. Ainda que o tema de uma seção deva ser levado em conta, esse não é o único fator que comanda a sua montagem. Propondo, então, superar o que considero uma forma ingênua de se analisar a segmentação de uma revista em seções, este artigo apresenta um estudo que investiga o impacto que o sequenciamento dos textos da seção Brasil, da revista *Veja*, pode ter sobre a interpretação do leitor. Para defender essa proposta, o próximo item será dedicado a apresentar como a publicação dos textos da seção Brasil numa dada seqüência pode funcionar como estratégia discursiva. Feito isso, o item 2 terá por finalidade apresentar uma análise de dois fragmentos pertencentes às duas primeiras reportagens de uma seção Brasil específica, a fim de verificar o funcionamento dessa estratégia.

## 1. O sequenciamento de textos

---

<sup>4</sup> “Diagramar é, em termos gerais, organizar e manifestar gráfica e plasticamente as unidades noticiosas a partir das necessidades da *edição*” (Hernandez, 2006, p. 186). Edição, por sua vez, diz respeito à “seleção, organização e montagem de todos os elementos que devem formar uma revista” (idem, p. 84).

<sup>5</sup> A seção intitulada Brasil é a parte da revista *Veja* dedicada à abordagem de acontecimentos da política nacional.

Considerando que todo objeto de comunicação é concebido para funcionar como “uma máquina eficiente de atração do público-alvo” (Hernandes, 2006, p. 47), o repertório de recursos utilizados pela revista *Veja* para atrair a atenção do leitor e “capturá-lo” visa a assegurar que toda uma edição da revista será lida do começo ao fim<sup>6</sup>. Ainda que a atitude dos leitores, muitas vezes, contrarie o efeito que se busca com tais recursos (a leitura ininterrupta de uma edição desde o seu primeiro texto até o último), esse é o efeito que se pretende alcançar, no momento em que se elabora uma edição (Charaudeau, 2006).

Partindo, então, do pressuposto de que toda a edição será lida, os responsáveis pela montagem de uma edição de *Veja* podem se ver livres de um obstáculo contra o qual se chocam todos os profissionais que têm o trabalho de elaborar um objeto de comunicação: o desconhecimento dos saberes de que dispõe o leitor. Os responsáveis por *Veja* não têm condições de conhecer todos os saberes de que o leitor dispõe em sua memória. Porém, ao pressuporem que toda uma edição será lida do começo ao fim, eles têm condições de saber, por exemplo, que as informações trazidas pela entrevista das páginas amarelas (a qual abre todas as edições da revista) já estão presentes na memória do leitor, no momento em que ele lê a seção “Cartas” (a qual, em todas as edições, aparece algumas páginas depois da entrevista das páginas amarelas).

De acordo com a hipótese aqui levantada, o mesmo aconteceria no interior da seção Brasil. Não é possível que os responsáveis pela produção da *Veja* conheçam com precisão os saberes que os leitores possuem, mas, considerando que os recursos empregados para atrair e “segurar” o leitor serão eficazes, é possível conhecer um subconjunto desses saberes, justamente aqueles fornecidos por textos da própria seção Brasil. Dessa forma, é possível que as informações pertencentes ao primeiro texto de uma seção Brasil constituam um subconjunto das informações de que dispõe o leitor, no momento da leitura do segundo texto dessa mesma seção, bem como é possível que as informações dos dois primeiros textos da seção constituam um subconjunto das informações que o leitor possui, no momento da leitura do terceiro texto, e assim sucessivamente até o último texto da mesma seção.

A seção Brasil seria elaborada, assim, não apenas com o intuito de reunir matérias que pertençam a um mesmo campo temático. A finalidade seria a de fazer com

---

<sup>6</sup> São vários os recursos que buscam atrair a atenção do leitor. Desses recursos fazem parte a escolha dos caracteres e das fotografias, bem como a formulação de manchetes ou chamadas que despertem a curiosidade do leitor para as matérias que intitulam (Hernandez, 2006).

que os efeitos de sentido (ou as inferências) que se produzem durante a leitura de um texto sejam fortemente influenciados pelo subconjunto de informações da memória com origem no(s) texto(s) anteriormente lido(s) e pertencente(s) à mesma seção. Portanto, a montagem de uma seção Brasil não seria guiada pelo acaso, mas, sim, pensada em termos do impacto que terá junto ao leitor. A revista não pode assumir explicitamente o seu sistema de valores e a sua visão de mundo, uma vez que essa assunção comprometeria a sua finalidade cívica de produzir um objeto de saber (Simunic, 2004, Charaudeau, 2006). Por isso, ela precisa encontrar estratégias discursivas, como, por exemplo, o sequenciamento dos textos da seção Brasil, que direcionem a interpretação do leitor, levando-o a inferir o que a revista não pode dizer, sob pena de pôr em risco a sua credibilidade.

Para investigar como esse processo pode ocorrer durante a leitura de uma seção Brasil específica, o próximo item será dedicado à análise das duas primeiras reportagens da seção Brasil da revista *Veja* de 12/01/2005. Mais especificamente e em virtude do espaço que inviabiliza a análise de toda a seção, será proposta, a seguir, a análise de fragmentos dessas reportagens.

## **2. Análise de uma seção Brasil**

O fragmento reproduzido abaixo pertence à segunda reportagem da seção Brasil. Essa reportagem se intitula “Turma do barulho” e aponta Marta Suplicy como líder de um grupo de políticos do PT que vem há tempos desafiando as decisões da direção nacional do partido:

Lula tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma. Em público, ela diz que o “espírito democrático” do presidente Lula lhe permite discordar de certas orientações partidárias. Intimamente, não teme desafiar Brasília, porque sabe que, a despeito da vontade inicial e do peso político do presidente e de seu grupo, será da burocracia do PT a definição do nome do candidato do partido ao governo paulista em 2006.

Nesse fragmento, o jornalista diz que “Lula tem tolerado as rebeldias de Marta e sua turma”. Com a expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, o jornalista retoma informações que têm origem em dois trechos dessa mesma reportagem. Mais precisamente, com essa expressão, o autor recupera as informações contidas em dois trechos do texto, nomeando essas informações como “as rebeldias de Marta e sua turma”.

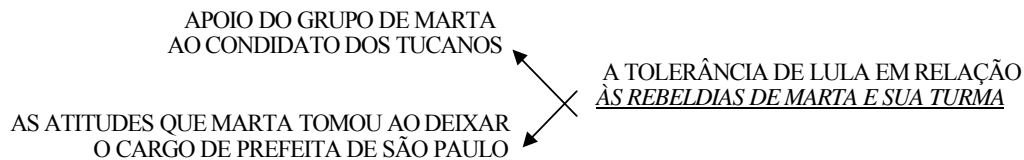
O primeiro trecho do texto retomado pela expressão “as rebeldias de Marta e sua turma” traz a informação de que os políticos liderados por Marta Suplicy deram uma mostra de rebeldia ao apoiarem o candidato do PSDB, Roberto Trípoli, à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo:

Na semana passada, o grupo deu nova mostra de rebeldia: apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo, enquanto o presidente nacional do PT, José Genoíno, trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra. A atitude dos rebeldes irritou a cúpula petista.

No segundo trecho retomado pela expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, o jornalista apresenta atitudes que, segundo ele, revelam a intenção de Marta Suplicy de “infernizar a comunidade”, ao deixar o cargo de prefeita da cidade de São Paulo:

Marta conseguiu o barulho desejado ao não pagar uma dívida vencida de 145 milhões de reais com o Tesouro Nacional e deixar no caixa da prefeitura meros 16.000 reais para seu sucessor começar a tocar a administração. A desfeita maior foi com o povo paulistano, e não propriamente com Serra. Outras bombas de explosão retardada também foram encontradas por Serra e seus auxiliares nas gavetas da prefeitura. Entre elas, a decisão da prefeita de não reconhecer uma dívida de 1 bilhão de reais do município, uma manobra técnica para escapar dos rigores da Lei de Responsabilidade Fiscal. Reconhecida ou não, a dívida terá que ser paga por Serra.

Para explicar os elos referenciais que permitem ao autor retomar esses dois trechos da reportagem com a expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, proponho o esquema a seguir, em que se representam as informações do trecho onde se encontra a expressão e dos trechos que ela retoma.



A seleção do nome-núcleo de uma expressão que retoma trechos do texto é efetuada a partir das informações que esses trechos veiculam (Koch, 2006). No caso em análise, a escolha da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma” é decorrente do mundo construído referencialmente por meio do texto. Ao nomear os integrantes do

grupo de Marta Suplicy como *rebeldes* (*A atitude dos rebeldes irritou a cúpula petista*), o autor instaura a possibilidade de se nomearem as ações do grupo de políticos como “as rebeldias de Marta e sua turma” e cria, ao mesmo tempo, as condições necessárias para o leitor reconhecer que as rebeldias são as ações mencionadas nos trechos do texto que a expressão retoma. Disso decorre que a escolha da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma” não é aleatória, porque explicita o ponto de vista do autor, segundo o qual as informações retomadas são rebeldias contra o PT. Em outros termos, a maneira como o autor recupera as informações do próprio texto, empregando a expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, manifesta, por efeito retroativo, a sua compreensão e o tratamento que ele reserva ao que foi dito. O esquema acima visa exatamente a reconstruir esse percurso interpretativo, o qual foi realizado na tentativa de compreender o ponto de vista do produtor do texto: após mencionar as ações praticadas pelos políticos liderados por Marta Suplicy, o jornalista pode nomeá-las por meio da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, porque, para ele, essas ações constituem rebeldias contra o partido a que os políticos pertencem.

A atuação da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma” é particularmente esclarecedora de uma das principais funções das expressões referenciais. Ao mesmo tempo em que recupera uma informação ou um conjunto de informações já estocadas na memória, a expressão atribui às informações recuperadas novas propriedades. Conforme Neves (2006, p. 102), “a categorização representa o ponto de vista do falante naquele determinado momento da construção do discurso”. Dessa forma, a categorização ou nomeação operada por expressões referenciais atua tanto na retomada de informações já conhecidas, quanto na introdução de informações novas. No exemplo em análise, a expressão “as rebeldias de Marta e sua turma” retoma informações do texto já conhecidas do leitor e introduz a informação de que, para o autor, as informações retomadas são rebeldias contra o partido.

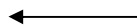
Mas a análise da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, pertencente ao segundo texto da seção Brasil, permite considerar que a sua atuação não se limita à retomada de informações que se encontram no interior do texto “Turma do barulho”. Essa expressão pode retomar ainda informações, cuja origem não é o texto a que a expressão pertence, mas, sim, o primeiro texto da seção, o qual se intitula “Por que eles querem presidir a Câmara”. Em um trecho do primeiro texto, diz o autor que Virgílio Guimarães se rebelou contra a vontade da cúpula petista de que Luiz Eduardo

Greenhalgh e não ele fosse o candidato do PT ao cargo de presidente da Câmara dos Deputados. Nas palavras do autor,

Até então favorito para o cargo, o mineiro Virgílio, que foi relator da reforma tributária e já dividiu um apartamento com o então deputado Lula durante a Constituinte, se rebelou e afirma que levará sua candidatura até o fim. Ele não se conforma por ter sido vetado pelo Planalto e por Lula.

O esquema a seguir representa o elo referencial que permite à expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, pertencente ao segundo texto da seção, retomar informações do primeiro texto da seção.

V. GUIMARÃES SE REBELOU CONTRA  
A DECISÃO DE LULA E DA CÚPULA PETISTA  
(fragmento do 1º texto da seção Brasil)



A TOLERÂNCIA DE LULA EM RELAÇÃO  
ÀS REBELDIAS DE MARTA E SUA TURMA  
(fragmento do 2º texto da seção Brasil)

Os fragmentos de ambos os textos apresentam atitudes de insubordinação de políticos do PT (Marta Suplicy e sua turma e Virgílio Guimarães) para com Lula, e em ambos os fragmentos não se atribuem a Lula reações que busquem conter tais atitudes de insubordinação. A retomada de informações do primeiro texto da seção por meio da expressão “as rebeldias de Marta e sua turma”, pertencente ao segundo texto, parece se explicar, então, pela semelhança das situações em que os mesmos referentes – políticos do PT e Lula – são representados: Marta Suplicy e sua turma e Virgílio Guimarães são políticos do PT cujas atitudes vão contra as determinações de Lula.

É importante notar que as atitudes dos políticos que se rebelam contra as determinações do partido são denotadas, nos dois textos, por palavras de mesmo radical. No fragmento do segundo texto, a palavra “rebeldias” na expressão “as rebeldias de Marta e sua turma” se refere às atitudes de Marta Suplicy e de políticos ligados a ela. No fragmento do primeiro texto, a palavra “rebelou” se refere à atitude de Virgílio Guimarães. Ler informações sobre as *rebeldias* do grupo de Marta contra Lula (informações pertencentes ao segundo texto da seção) pode desencadear um processo de retomada de informações recentemente estocadas na memória sobre outros políticos que também se *rebelaram* contra Lula (informações pertencentes ao primeiro texto da mesma seção). Dessa forma, a retomada de informações do primeiro texto por uma expressão pertencente ao segundo texto se explica pela possibilidade de o leitor relacionar informações entre as quais ele percebe uma relação de semelhança ou de analogia. Essa relação, que subjaz aos textos envolvidos, pode conduzir o leitor à construção de uma inferência semelhante a esta: *Lula é tolerante com os políticos do PT*



*que se rebelam contra as determinações partidárias, porque permite que Virgílio Guimarães leve a sua candidatura até o fim e porque não toma providências contra as atitudes de Marta Suplicy e sua turma.*

A construção dessa inferência é favorecida pela presença, na memória do leitor, das informações pertencentes ao primeiro texto da seção. Assim, a publicação dos textos dessa seção em uma dada seqüência favorece o surgimento da inferência, porque, segundo as expectativas da instância de produção, essa seqüência (ou esse sequenciamento) possibilita que as informações do primeiro texto (“Por que eles querem presidir a Câmara”) constituam um subconjunto das informações de que o leitor dispõe na memória ao ler o segundo texto (“Turma do barulho”).

### **3. Conclusão**

Este artigo ilustra o interesse que o estudo das estratégias discursivas das mídias tem despertado em estudiosos da Análise do Discurso. O estudo aqui desenvolvido sobre o sequenciamento de textos da seção Brasil, da revista *Veja*, permitiu compreender um aspecto do complexo mecanismo que envolve a produção de uma revista de informação. Por meio dessa análise, foi possível perceber que a busca da revista *Veja* por “mudar o rumo das eleições” e “formar opinião”<sup>7</sup> se traduz em estratégias, como o sequenciamento de textos da seção Brasil, que parecem ter por finalidade influenciar o modo como o leitor compreende a política nacional e que, por isso mesmo, merecem estudos aprofundados, visando compreendê-las melhor.

A análise das duas primeiras reportagens de uma seção Brasil da revista *Veja*, realizada no item anterior, pode ser sintetizada da seguinte maneira:

- ▶ As informações ativadas durante a leitura do primeiro texto da seção são estocadas na memória do leitor.
- ▶ Essas informações do primeiro texto passam a constituir um subconjunto de informações de sua memória.
- ▶ Durante a leitura do segundo texto da seção, expressões referenciais retomam informações, cuja origem é o próprio texto a que pertencem as expressões.

---

<sup>7</sup> “VEJA tem o poder de mudar o rumo de eleições, investigar fatos com propriedade e formar opinião”. Essa informação foi obtida no site da revista:  
[http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/pdf/VEJA\\_argumentacao.pdf](http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/pdf/VEJA_argumentacao.pdf).

- ▶ Durante a leitura do segundo texto da seção, essas expressões referenciais podem retomar ainda informações, cuja origem é o primeiro texto da mesma seção.
- ▶ As inferências que se produzem durante a leitura do segundo da seção podem ser influenciadas pelas informações, cuja origem é o primeiro texto da seção.

Esse percurso, síntese da análise empreendida no item 2, evidencia que o simples “parentesco” temático dos textos não constitui o único critério de montagem de uma seção Brasil. Ao lado desse critério, constitui um fator de grande relevância a escolha da ordem em que os textos são publicados, escolha que parece estar intimamente ligada à tentativa da instância de produção de guiar a maneira como o leitor interpreta esses textos.

#### **4. Referências**

BURGER, M. La gestion des activités: pratiques sociales, rôles interactionnels et actes de discours. *Cahiers de linguistique française* 26, 2004, p. 177-196.

CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

HERNANDES, N. A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. L' énonciation: de la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin, 1997.

KOCH, I. G. V. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2006.

MONDADA, L. Pour une approche conversationnelle des objets de discours. In: *Boletim da ABRALIN*, v. 26. No. especial – 1, 2001, p. 66-70.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, S. D. (org) O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: Editora UnB, 2002, p. 49-83.

NEVES, M. H. M. Gramática e texto. São Paulo: Contexto, 2006.

SIMUNIC, Z. Une approche modulaire des stratégies discursives du journalisme politique. Thèse de doctorat, Université de Genève, 2004.

TÉTU, J. F. *Le Monde e Libération* em perspectiva. In: PORTO, S. D. (org) O Jornal: da forma ao sentido. Brasília: Editora UnB, 2002, p. 191-201.